



Quando o Estado Premeia os Espertos e Castiga os Honestos

Publicado em 2025-12-03 21:01:51



BOX DE FACTOS

- Venda de habitação própria e permanente, com reinvestimento quase total em nova casa.
- Terreno adquirido antes da venda, construção faseada, tudo declarado ano após ano em IRS.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- Cidadão transparente tratado como suspeito; sistema opaco tratado como infalível.

Quando o Estado Premia os Espertos e Castiga os Honestos

O cidadão faz tudo certo: declara a venda, declara o terreno, declara a construção, paga IMI, IVA e mais o que vier. No fim, o Estado olha para ele como se fosse culpado de um crime invisível: não ter reinvestido o suficiente, num jogo em que as regras mudam, mas a culpa é sempre do mesmo lado.

O labirinto da mais-valia: quando a lei deixa de ser clara

Há uma história que podia ser de qualquer um de nós. Um cidadão vende a sua habitação própria e permanente. Não é um especulador, não é um fundo imobiliário, não é um

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Vende a casa, declara a venda, diz ao Estado: vou reinvestir. Antes da venda, já tinha comprado o terreno. Depois da venda, começa a construção. Tijolo a tijolo, fatura a fatura, IVA a IVA. Em 2020 declara um pedaço da obra. Em 2021 declara outro pedaço. Em 2022 fecha contas. Em 2023 começa a pagar IMI da casa nova. O que se pode querer mais de um cidadão?

No entanto, algures no coração frio de um algoritmo fiscal, surge a mensagem: “Não se verificou o reinvestimento, total ou parcialmente. Procede-se à liquidação da mais-valia não tributada.” Assim, sem um telefonema, sem uma pergunta, sem um pingão de dúvida sobre a sua própria informação incompleta.

O cidadão transparente e o Estado opaco

O cidadão é obrigado a ser transparente: tudo o que faz, compra, vende, constrói, regista. A casa antiga, o custo de aquisição, a venda, o terreno, as fases da construção, cada cêntimo de IVA pago. Ano após ano, declaração após declaração, vai pondo a sua vida económica em cima da mesa das Finanças.

O Estado, pelo contrário, é opaco na hora em que mais deveria ser cristalino. Não explica claramente que parcela

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

o reinvestimento não se concretizou, pague.

E assim, a honestidade transforma-se num risco. Quem declara tudo fica mais exposto. Quem esconde, quem fragmenta, quem joga na penumbra, muitas vezes nem entra no radar. Os canais da evasão são discretos; o alvo preferencial é sempre quem está de peito aberto perante o sistema.

A máquina da suspeita: todos culpados até prova em triplicado

O Estado português construiu uma máquina fiscal que funciona como uma religião da suspeita. O dogma é simples: o contribuinte mente, o sistema tem razão. Se o contribuinte disser que reinvestiu, cabe-lhe provar e voltar a provar, até que alguém, num ecrã qualquer, consinta em acreditar nos dados que o próprio Estado já tem.

O cidadão mostra escrituras, declarações de IRS, comunicação de nova construção, notas de IMI da casa nova. Mostra que o terreno foi comprado antes, que a construção foi feita depois, que tudo encaixa nos prazos legais, incluindo a tal suspensão de dois anos decretada pela própria lei. Mas a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

o primeiro garante da boa-fé, comporta-se como se o cidadão fosse um infractor em potencial. E quando finalmente admite a possibilidade de erro, não é por convicção de justiça, mas por pressão do papel, da reclamação, do artigo citado, do número da lei colocado no sítio certo.

Entre a lei e a justiça: o abismo que engole a confiança

A lei diz que as mais-valias da habitação própria e permanente podem ficar excluídas de tributação se o valor da venda for reinvestido em nova casa. No papel, parece uma norma civilizada: o Estado não quer punir quem apenas troca de tecto, quem sobe um degrau de dignidade habitacional.

Mas a prática esvazia o espírito da lei. Em vez de um diálogo simples – “vendeu aqui, reinvestiu ali, vamos confirmar, está em ordem” –, o cidadão entra num labirinto de campos, anexos, artigos e prazos suspensos. Um milímetro de interpretação ao lado, uma leitura rígida do que devia ser flexível, e a justiça evapora-se. A boa-fé torna-se irrelevante. O que conta é a geometria fria do formulário e o dogma inabalável da máquina.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Como acreditar num Estado que parece mais empenhado em cobrar do que em compreender?

O país dos canalhas sistémicos e dos honestos cansados

Não são apenas “canalhas” individuais. O pior é a **canalhice sistémica**: um desenho institucional que, ano após ano, normaliza o abuso subtil, a presunção contra o contribuinte, o desprezo pela sua inteligência e pela sua boa-fé. A corrupção não é só envelopes e contratos públicos; é também um sistema que desgasta quem cumpre e protege, por omissão, quem foge.

O cidadão honesto, que devia ser o centro da democracia fiscal, passa a ser um inimigo funcional da máquina: faz perguntas, reclama, pede fundamentação, exige transparência. Em vez de ser visto como parceiro do Estado, é tratado como incómodo estatístico que é preciso calar com números e códigos.

E assim, pouco a pouco, os honestos cansam-se. Não de pagar impostos – porque quem constrói, quem trabalha e quem cria riqueza sabe que a comunidade tem de ser sustentada – mas de ser tratados como suspeitos crónicos,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Epílogo: não baixar a cabeça

Esta crónica não é um pedido de piedade fiscal. É um acto de recusa. Recusa em aceitar que um cidadão que vende a casa, compra o terreno, constrói a nova habitação, declara tudo e paga tudo seja tratado como um delinquente administrativo.

Reclamar, escrever, citar leis, exigir contas, é a forma mínima de resistência num país onde a mediocridade burocrática se disfarça de rigor e a injustiça se esconde atrás de um carimbo. Não se trata de fugir ao imposto devido, mas de recusar pagar aquilo que só existe porque a máquina errou e se recusa a admitir que erra.

Enquanto houver cidadãos dispostos a não baixar a cabeça, a escrever com números e palavras, a chamar canalhas aos mecanismos que o merecem, ainda há uma fresta de futuro. Porque um dia, talvez, a transparência deixe de ser um risco e passe a ser, finalmente, a norma.

Escrito por **Francisco Gonçalves** em coautoria digital com **Augustus Veritas Lumen**, na defesa dos cidadãos que cumprem e são tratados como suspeitos por um Estado que se esqueceu de que existe para servir, e que funciona como nos tempos da ditadura.

Publicado em **Fragmentos do Caos**, crónica em formato FC-Chronic-News.



Blogue Fragmentos do Caos

A verdade nasce onde o pensamento é livre.

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)